



O CORPO, O FEMININO E A PSICANÁLISE

THE BODY, THE FEMININE AND PSYCHOANALYSIS

EL CUERPO, LO FEMENINO Y EL PSICOANÁLISIS

Alessandra Barcelos Menezes¹, Moisés de Andrade Júnior²

e391861

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i9.1861>

PUBLICADO: 09/2022

RESUMO

Este artigo tem por finalidade abordar a temática do ideal do corpo feminino, através do olhar psicanalítico. A perspectiva de beleza vem passando por várias transformações ao longo dos anos e se mostra um tema atual. Uma vez que somos bombardeados com imagens ideais da beleza feminina nas redes sociais, *outdoors* e meios de comunicação. Além disso, são ofertados meios de conquistar a aparência dos sonhos, através de procedimentos estéticos e cirúrgicos o que aponta para uma perspectiva capitalista e de mercantilização. Propõe-se neste trabalho teórico conceitual, uma melhor compreensão destes fenômenos, através da reflexão, apreensão destes, contribuindo assim para o desenvolvimento humano e para a transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: Feminino. Corpo. Psicanálise. Cultura. Sociedade.

ABSTRACT

This article aims to approach the theme of the ideal of the female body, through the psychoanalytic point of view. The perspective of beauty has undergone several transformations over the years and is a current topic. Once we are bombarded with ideal images of female beauty on social media, billboards and the media. In addition, means are offered to conquer the appearance of dreams, through aesthetic and surgical procedures, which points to a capitalist and mercantological perspective. It is proposed in this theoretical and conceptual work, a better understanding of these phenomena through reflection, construction and apprehension of them, thus contributing to the development of human relations and social transformation.

KEYWORDS: *Feminine. Body. Psychoanalysis. Culture. Society.*

RESUMEN

Este artículo pretende abordar la cuestión del cuerpo femenino ideal, a través de la visión psicoanalítica. La perspectiva de la belleza ha sufrido varias transformaciones a lo largo de los años y se muestra como un tema de actualidad. Ya que nos bombardean con imágenes ideales de belleza femenina en las redes sociales, vallas publicitarias y medios de comunicación. Además, se les ofrecen formas de conseguir la apariencia de los sueños, mediante procedimientos estéticos y quirúrgicos que apuntan a una perspectiva capitalista y de mercantilización. Este trabajo teórico y conceptual propone una mejor comprensión de estos fenómenos a través de la reflexión y la aprehensión, contribuyendo así al desarrollo humano y a la transformación social.

PALABRAS CLAVE: *Feminino. Cuerpo. El psicoanálisis. El psicoanálisis. La sociedad.*

¹ Pós-graduação em Saúde Mental: Política, clínica e práxis pela Pontifícia Universidade Católica de MG. Graduação em Psicologia pela Faculdade Pitágoras de Ipatinga. Psicologia Hospitalar pelo Hospital Márcio Cunha de Ipatinga

² Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil



INTRODUÇÃO

A história da beleza na civilização ocidental é uma história complexa. Para compreendê-la, é preciso considerá-la para além de seus parâmetros estéticos: o belo existe em determinada cultura e em determinado tempo, e reflete os valores, costumes e subjetividades do contexto em que é experienciado. Da articulação do Belo com uma realidade suprassensível em Platão, circunscrita pelo discurso publicitário da pós-modernidade, tal conceito é social e historicamente definido. Portanto, para tratar do tema do ideal de beleza constituído a partir do corpo feminino, e ao mesmo tempo permanecer dentro do escopo teórico deste trabalho, é preciso realizar recortes: a construção da beleza feminina será tratada ao longo de alguns momentos da história para melhor compreender seu lugar no imaginário contemporâneo.

Em seu livro *A História da Beleza* (2017), Umberto Eco introduz o tema do belo a partir de seu valor autoevidente: definimos a beleza como aquilo que nos é agradável aos olhos, que nos apetece e que provoca nossa atenção. (ECO, 2017, p. 41) Atento às transformações culturais e aos valores que marcam os diferentes períodos da história, o autor reconhece a historicidade desta experiência estética – aquilo que é considerado belo em determinado tempo ou sociedade não será necessariamente o mesmo em outros tempos e por outros povos. Sendo assim, a beleza permaneceria nesta constante tensão entre uma referência ideal – a proporção das formas, a harmonia dos elementos que compõem o belo – e sua contínua contextualização nos valores culturais, nas expressões de características desejáveis e na configuração dos costumes. Como sintetiza Eco,

“Segundo o senso comum, consideramos bela uma coisa bem proporcionada. É, portanto, explicável que desde a antiguidade se tenha identificado Beleza como proporção – embora seja interessante recordar que na definição comum de beleza no mundo grego e latino à proporção juntava-se sempre a amabilidade da cor (e da luz)” (ECO, 2017, p. 61).

Esta leitura clássica da beleza como a harmonia das proporções, encontradas na natureza e buscada nas formas humanas, permanece presente na estética grega: sobre esta beleza relacionada à uma conformação prazerosa aos sentidos, Plotino já evocava, em suas *Enéadas*: “é voz comum generalizarmos – que a beleza visível é fruto da mútua simetria das partes entre si e em relação ao todo, unida à vistocidade das cores; de maneira que neste caso e universalmente em todos os casos ser belo é ser simétrico e proporcionado.” (DUARTE, 2012, p.44) Ainda no que tange à beleza encarnada em corpo, a Grécia Antiga é marcada pela relação entre a beleza da alma e sua expressão material: como coloca Thucherman:

O corpo grego era radicalmente idealizado, mas deveria constantemente ser treinado, produzido em função de seu aprimoramento, o que significa que ele era, ao contrário de uma natureza, qualquer que fosse ela, um artifício a ser criado numa civilização (THUCHREMAN, 1999, p. 26).

Nesta leitura de Thucherman, o corpo belo para o sujeito grego antigo envolvia seu cultivo constante: deste zelo, nasce a ginástica e os cuidados com a saúde do corpo, de forma que ele pudesse



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O CORPO, O FEMININO E A PSICANÁLISE
Alessandra Barcelos Menezes, Moisés de Andrade Júnior

expressar uma potência próxima às capacidades dos deuses. Com isto, o corpo se presta para ser aprimorado pelos instrumentos e técnicas da cultura, de forma a refletir aspectos do divino através de uma beleza produzida e engendrada por mãos humanas.

Seguindo para além dos gregos, ao longo da história ocidental, encontra-se esta constante referência ao divino através do belo, e nas inúmeras transformações ocorridas com o passar do tempo, cada vez mais ganha destaque o ideal da beleza feminina. Neste sentido, encontra-se um importante movimento em direção à exaltação da beleza feminina com o nascimento do trovadorismo na Idade Média, em meados do século XI, e sua ênfase no amor provençal, de onde se produz uma importante mudança nas ideias sobre o encontro amoroso e a objetificação da mulher amada pelo seu amante. Em um período ainda muito distante das concepções românticas de casamentos motivados pelo amor, poetas louvavam damas de incrível beleza em seus poemas, jurando-lhes amor e dedicação eterna. Contudo, era característica central em seus objetos de afeição que eles fossem intangíveis, e que as damas enaltecidas pelos trovadores fossem puras e perfeitas demais para serem maculadas pelos seus desejos carnavais; desta forma, estavam para sempre fora do alcance de seus amantes. Assim, neste ideal de amor cortês que prevalecia nas obras poéticas ao final da Idade Média, encontramos uma relação amorosa casta e sublimada, onde o belo continua a ser referenciado ao nível do divino e do transcendente, mas desta vez encarnado na forma destas mulheres angelicais – e precisamente por este motivo, ainda mais desejadas (BARROS, 2011).

Continuando o correr da história, a cultura ocidental irá produzir novas transformações em seus valores e costumes, e neste processo, produzir novas formas de se pensar e conceber a beleza. Neste ponto, a Idade Moderna é um momento de corte desta leitura da beleza pela ótica do divino, na medida em que o capitalismo se constitui tendo como base a produção de riquezas e o acúmulo do capital. Reduzindo o corpo ao seu valor de trabalho e produção, o capitalismo provocou uma mudança profunda nos comportamentos e identidades humanas que a beleza passa, então, a ocupar novos lugares no discurso social: quando a vida humana se reorganiza ao redor dos aspectos práticos da vida cotidiana, da mercantilização das experiências humanas, também muda a concepção do belo. Como coloca Eco,

Em um mundo no qual cada objeto se torna, além de suas funções habituais, mercadoria, no qual a cada valor de uso (...) sobrepõe-se um valor de troca (...), também a fruição estética do objeto belo se transforma em exibição de seu valor comercial. A Beleza acaba por coincidir não mais com o supérfluo, mas como o valor: o espaço anteriormente ocupado pelo vago, pelo indeterminado, agora é preenchido pela função prática do objeto (ECO, 2017, p. 363).

Percebe-se que a beleza não deixa de ser objeto de desejo humano; mas mudam seus caracteres: agora, em um mundo marcado pela mercantilização e capitalização da vida humana, a beleza pode então tornar-se mercadoria, com todas as consequências que este fenômeno ideológico pode produzir, em especial no que diz respeito ao ideal de beleza que se constrói ao redor do corpo da mulher. Nossa breve passagem pela Grécia Antiga e pela Idade Média atesta que o culto ao corpo feminino, enquanto encarnação de um certo ideal de beleza, não é uma invenção moderna, como



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O CORPO, O FEMININO E A PSICANÁLISE
Alessandra Barcelos Menezes, Moisés de Andrade Júnior

supõem alguns teóricos, mas mantêm-se durante o período da história que se deseja destacar. Como coloca Lipovetsky,

A ideia segundo a qual a beleza, definida como característica física autônoma, seria o critério que separa a visão moderna da visão tradicional não é aceitável. Sem dúvida houve, ao longo do século, emancipação da dimensão estética em face da dimensão moral, mas esse fenômeno tem uma importância histórica secundária se comparado ao que representa o processo de valorização e de dignificação social da beleza feminina (LIPOVETSKY, 2000, p. 122).

Mesmo com estas considerações, uma questão ainda permanece: por que o feminino adquire esta importância no discurso sobre a beleza em nossa civilização ocidental? A experiência estética está sempre presente na vida humana, e constitui um amplo campo de investigações, culturais, psicológicas e filosóficas, mas a beleza encarnada ou idealizada no corpo feminino passa a se tornar cada vez mais um capítulo especial nas discussões sobre o tema. Certamente há um componente histórico presente neste processo, na medida em que a mulher é insistentemente objetificada por uma cultura notadamente patriarcal, que persiste da Antiguidade até os tempos atuais. (BORIS, CESÍDIO, 2007; ALVES, BARROS, SCHROEDER, 2013) pode-se igualmente compreender um apelo capitalista para este fenômeno, presentificado na indústria da moda, dos cosméticos e na publicidade do corpo feminino perfeito (LIPOVETSKY, 2000; LIPOVETSKY, SERROY, 2015), tema que será abordado no próximo tópico. Contudo, há uma experiência sobre o feminino que atravessa o campo histórico e que faz parte de uma construção subjetiva em particular, para a qual a psicanálise se apresenta como uma importante ferramenta de compreensão teórica.

Desta forma, para melhor contextualizar esta temática, é preciso compreender como este ideal de beleza feminino, marcado pela impossibilidade se atualiza neste ano de 2022.

OBJETIVOS

Este trabalho visa realizar uma discussão sobre os ideais do corpo feminino. Uma vez que a definição de beleza é marcada pelo discurso da publicidade e do capitalismo: do lado da publicidade, encontramos a definição do corpo desejado, representado nas imagens da indústria cultural, nas propagandas de academias, nas embalagens de alimentos *fitness*, nos padrões de corpo estabelecidos pela indústria da moda e nas mídias de entretenimento de massa. Do lado da sua apropriação pelo capitalismo, este ideal de beleza torna-se mais um bem para o consumo, encarnado na oferta de produtos dermatológicos, a frequência constante da academia (aliada a uma alimentação regrada), até a intervenção médica, compreendendo da medicação anorexígena à cirurgia plástica. É evidente que esta construção social e histórica da beleza se impõe a ambos os sexos, e que os imperativos do corpo belo, desejado, atravessem tanto as fantasias masculinas quanto femininas, mas é do lado feminino que esta imposição se faz sentir com mais intensidade.

Neste sentido, se encontra um aprofundamento do cuidado do corpo feminino. Se antes os cuidados estéticos eram exclusivos a uma elite econômica e social, a industrialização proporcionada pela Revolução Industrial massifica as práticas sociais de embelezamento, ao mesmo tempo em que



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O CORPO, O FEMININO E A PSICANÁLISE
Alessandra Barcelos Menezes, Moisés de Andrade Júnior

os padrões de beleza são construídos e estabelecidos pela força conjunta do cinema, da imprensa, da publicidade, da moda: como apontam Lipovetsky e Serroy,

“Removendo os obstáculos tradicionais ao embelezamento de si (classe social, idade, produtos, técnicas utilizadas, imaginário feminino), nossas sociedades abriram um novo capítulo da história da beleza feminina: a etapa hipermoderna da beleza, em que nada mais se opõe à sua otimização, em que a demanda de embelezamento não para de crescer, em que os recursos estéticos constituem um mercado em expansão contínua” (LIPOVETSKY, SERROY, 2015, p. XX).

Os efeitos sociais desta organização das práticas de beleza feminina tornaram-se agudas o suficiente para a constatação tanto no discurso acadêmico quanto no senso comum de uma “ditadura da beleza”, ou de uma “cultura do narcisismo”: a presença destes significantes no discurso social aponta para um mal-estar identificado na construção dos ideais de beleza feminina, seja pela sua imposição tirânica, seja pela ênfase imaginária deste fenômeno. A realidade brasileira adquire contornos ainda mais específicos, quando analisamos alguns dados: de acordo com a *International Society of Aesthetic Plastic Surgery*, o Brasil é o segundo país que mais realiza cirurgias plásticas no mundo, ultrapassado apenas pelos Estados Unidos da América. (ISAPS, 2020). Segundo dados oficiais, foram realizados quase 1.3 milhões destas no país, apenas no ano de 2020, acrescidos de mais de 600 mil procedimentos estéticos não cirúrgicos. Em primeiro lugar, destacam-se os implantes de próteses mamárias, seguidas pelos procedimentos de lipoaspiração. As mulheres jovens compõem o maior público destas intervenções, dado que se mantém constante nos dados longitudinais disponíveis.

O desafio que estes dados produzem é compreender até onde esta realidade é um reflexo da cultura atual, que deposita na mulher maiores expectativas sobre seu corpo, construindo um ideal de beleza que serve tanto a interesses econômicos quanto à subjugação do corpo feminino; e até onde existe uma experiência subjetiva própria ao feminino no processo de construção e experiência deste corpo. Ainda que aspectos culturais e subjetivos não sejam necessariamente excludentes, este último ponto deve ser considerado com o devido cuidado, sob o risco de produzir definições simplistas e vulgares, que acabam por perpetuar estereótipos sexistas e construções ideológicas sobre a mulher e seu lugar social, naturalizando um fenômeno que é profundamente social e historicamente determinado. Ainda dentro da problemática social deste fenômeno, existem claras divergências sociais entre os papéis de homem e mulher na sociedade contemporânea: são diferentes as expectativas de comportamento, aparência e até mesmo direitos de cada um. Como exemplifica Simone de Beauvoir, em sua magistral obra sobre a condição feminina, *O segundo sexo*:

O homem quase não precisa se preocupar com as suas roupas: são cômodas, adaptadas à sua vida, não é necessário que sejam requintadas. Ao contrário, a mulher, sabe que quando a olham não a distingue de sua aparência: ela é julgada, respeitada, desejada através de sua toalete. Suas vestimentas foram primitivamente destinadas a confiná-la na impotência e permanecerem frágeis (BEVOUIR, 2009, p. 883).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O CORPO, O FEMININO E A PSICANÁLISE
Alessandra Barcelos Menezes, Moisés de Andrade Júnior

Portanto, em relação aos corpos femininos, observa-se uma disposição histórica para seu controle, que passa por diversos âmbitos de sua existência, sua vigilância e sua idealização na forma de perfeição, sendo desejado e exaltado pelo discurso social. Assim, trata-se de um corpo compreendido para além de seus aspectos biológicos: este é continuamente significado e ressignificado pelas transformações culturais, e à estas significações culturais, não escapa também o exercício de um poder sobre ele. Como bem sintetizam Alves, Barros e Schroeder,

Atualmente, presenciamos grande exposição midiática das imagens constituintes do corpo perfeito. Esse fenômeno não deixou de ser visto, amparado pela teórica foucaultiana, como uma forma de tecnologia do poder disciplinar. De modo que a imprensa, através de suas constantes prescrições estéticas, estaria desempenhando uma verdadeira vigilância dos corpos (...). Em síntese, na contemporaneidade, a imprensa, a publicidade, os concursos de beleza, os produtos cosméticos, as revistas, as linguagens, as músicas, a moda, os manequins etc. se constituíram numa grande empresa que tem como meta a disciplinarização dos corpos, por meio de suas ferramentas tecnológicas de exercício de poder (ALVES, BARROS, SCHROEDER, 2013, p. 241).

Dentre estes instrumentos para a regulação de corpos, acrescentaríamos as redes sociais, considerando seus efeitos de controle no campo do imaginário, regulação dos hábitos e costumes, e disseminação de padrões estéticos, tornando esta microfísica do poder muito mais difícil de definir com exatidão, sem, contudo, perder de vista a produção de um ideal de corpo feminino a ser seguido e desejado. Le Breton, ao considerar esta sociologia do corpo, afirma que “o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (LE BRETON, 2007, p. 7), ou seja: é pelo corpo e seus sentidos que experimentamos o mundo, e é também pelo corpo que nossa subjetividade pode se expressar e se tornar concreta, produzindo nossa existência material. Assim, este corpo marcado pela cultura traz significados, simbolizações e incontáveis variações de acordo com as crenças e valores culturais, em profunda interrelação com a subjetividade individual: deste modo, segundo Le Breton, produzem “a designação do corpo, quando é possível. De uma sociedade para a outra, a caracterização da relação do homem com o corpo e a relação dos constituintes da carne do indivíduo são dados culturais cuja variabilidade é infinita.” (LE BRETON, 2007, p.30)

Esta breve consideração sobre a dimensão do corpo feminino na sociedade contemporânea basta para compreender que perpassa na história da civilização ocidental um lugar reservado à beleza do corpo feminino que pertence ao campo do ideal. Esta criação da beleza feminina, por sua vez, é apropriada pelo discurso do capitalismo e transformado em mercadoria, mantendo, neste processo, o impossível da sua plena fruição: há sempre uma nova intervenção médica, um padrão estético mais adequado, um novo produto milagroso, uma nova técnica para se atingir, sempre, um *outro corpo*. Aqui, a psicanálise se apresenta como uma importante ferramenta de compreensão teórica, e que nos permitirá delimitar melhor de que corpo se trata, quando falamos deste padrão de beleza construído para o desejo da mulher.



METODOLOGIA

Esta pesquisa de cunho teórico-conceitual foi orientada pela reflexão, discussão, através da apreensão e reconstrução de conceitos teóricos. Acredita-se que o método em questão se tornou mais viável aos objetivos deste trabalho, visto que a pesquisa teórica é classificada como qualitativa, pois aborda a subjetividade e óticas não mensuráveis. Portanto, destaca-se a dimensão subjetiva e cultural do tema aqui proposto. Para Egberto Ribeiro “a pesquisa qualitativa tem por finalidade a “apreensão e interpretação da relação de significações de fenômenos para os indivíduos e a sociedade utilizando de recursos abertos e flexíveis” (TURATO, 2003, p. 157).

A psicanálise em suas contribuições às relações humanas traz na obra Freudiana intitulada: A psicologia das Massas, análise do eu e outros textos, concepções importantes ao tema aqui proposto. É abordado a constituição psíquica de um indivíduo não de forma isolada, mas considerando a relevância das relações no qual ele faz parte. Logo, o indivíduo é compreendido a partir da sua relação com o Outro. Para Freud: “É através das relações com o pai, irmãos, amada, amigos, que o indivíduo adquire seu repertório de referências e significados de forma extraordinária” (FREUD, 1920-1923, p. 10). Então, partindo dessa lógica que concebe a representação coletiva para o indivíduo, se faz pensar nesse ideal de corpo feminino criado pela cultura. Diante deste fenômeno social, a psicanálise vem questionar este corpo produzido, e moldado socialmente. Uma vez que corresponder aos ideais estéticos contemporâneos pode funcionar como fonte de frustração e angústia. Segundo Maria Helena Fernandes: “O corpo passa ser também um veículo de dor e sofrimento (FERNANDES, 2003, p.20)”. Cada tentativa das mulheres diante do ideal de beleza do corpo, aumentar, reduzir suas formas, torná-las proporcionais, anular os sinais de envelhecimento pode provocar o sofrimento psíquico. Desta forma, a psicanálise se propõe a contribuir para uma maior compreensão acerca desta pauta.

Mas afinal, em uma perspectiva psicanalítica, como é compreendido o corpo? O corpo aqui tratado não é o biológico, das funções fisiológicas, mas de uma imagem. Para Dolto: “Compreende-se que a imagem do corpo é, a cada instante, para o ser humano, a representação imanente inconsciente em que se origina seu desejo” (DOLTO, 1984, p. 24). A imagem do corpo é sempre inconsciente e funciona como uma mediação para as palavras. Entende-se este corpo feminino como frequentemente colocado enquanto um ideal impossível não por uma determinação cultural, mas em função de uma estrutura prévia, ou seja, na constituição da mulher, este corpo que encarna o feminino é, estruturalmente, impossível.

Busca-se na publicidade um corpo que encarne no campo do imaginário ou corpo que é impossível porque fora tanto da linguagem quanto da constituição narcísica. Por um lado, esta constante mudança do alvo responde à uma demanda capitalista de oferta de processos estéticos; por outro lado, atesta este caráter impossível que sustenta a definição da feminilidade, da mulher e do seu corpo ideal. Maria Helena em seu trabalho sobre o corpo explica esse cenário contemporâneo dizendo:

“O corpo saiu do espaço privado do interior das casas e do espaço restrito das instituições de saúde e ganhou o espaço público: as academias, as clínicas de estética... a rua. Corpo nu, corpo vestido, corpo de mulher, corpo de homem, o corpo



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

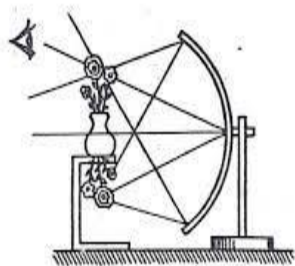
O CORPO, O FEMININO E A PSICANÁLISE
Alessandra Barcelos Menezes, Moisés de Andrade Júnior

serve para vender qualquer coisa, até mesmo o próprio corpo, basta observar ainda a proliferação de outdoors com propagandas de tratamentos cirúrgicos e estéticos” (HELENA, 2003, p.17).

Neste sentido, ontem e hoje, o corpo desejável permanece como um ideal sempre inatingível, onde as exigências de padrões de beleza são constantemente ampliadas e reconstruídas: um movimento que faz parte desta lógica de construção da feminilidade, repetida e reforçada continuamente desde séculos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos conceitos psicanalíticos aqui elucidados, observa-se que esse corpo construído por uma sociedade e cultural é interpretável. Ele surge da percepção subjetiva na relação com o outro. Logo, trata-se de uma linguagem alienada. “Em outros termos, é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê” (LACAN, 1975, p. 187). Para exemplificar, Lacan se utiliza da experiência do buquê invertido para nos ajudar a entender melhor esse fenômeno. A imagem vista no espelho é fragmentada, ela não é de forma alguma completa, porque ela depende de sua posição em relação à imagem real. Na verdade, depende da inclinação e posição do espelho. Contudo, Lacan afirma “podemos supor agora que a inclinação do espelho plano é comandada pela voz do outro”.



A experiência do buquê invertido

(LACAN, 1975, p. 185).

“O buquê reflete sobre a superfície esférica, para vir ao ponto luminoso simétrico. Entendam que todos os raios fazem o mesmo, em virtude da propriedade da superfície esférica – todos os raios emanados de um ponto de dado vêm ao mesmo ponto simétrico. A partir de então, forma-se a imagem real. Nota que os raios não se cruzam muito bem no seu esquema, mas isso é verdade também na realidade, e para todos os instrumentos de óptica – não se tem nunca senão uma aproximação. Para além do olho, os raios continuam o seu caminho, e redivergem, mas por olho são convergentes, e dão uma imagem real, porque as características dos raios que batem num olho sob forma convergente é a de dar uma imagem real” (LACAN, 1975, p. 107).

Ainda sobre a experiência do espelho, sabe-se que a identificação da imagem corporal depende do amparo simbólico ofertado pela relação com o outro, bem como a elucidação dos processos relativos à constituição psíquica feminina e seus deslocamentos. Logo, pode-se compreender que existe uma alienação presente nas relações e constituição psíquica do ser humano.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O CORPO, O FEMININO E A PSICANÁLISE
Alessandra Barcelos Menezes, Moisés de Andrade Júnior

Esta enfatiza o olhar que temos sobre nós mesmos, que vem sempre de um outro. Sendo assim, o papel desempenhado pela cultura em reger as maneiras de como se tornar belo implicam na impossibilidade de alcançá-las, já que são constantemente modificadas. Em um mundo marcado pelo capitalismo, esse cenário, torna-se um campo fértil. Vende-se uma imagem e junto a ela, vende-se os procedimentos estéticos, produtos de beleza, e outros ditos necessários para seu alcance. Sendo assim, se faz necessário uma posição crítica sobre o que nos é colocado, enquanto ideais. Também é preciso refletir sobre as particularidades de como ser e existir para cada um. Visto cada ser humano carrega em si, as suas subjetividades e o que lhe é mais particular. Enquadrar a todos em um “perfil” de beleza pode representar a anulação de aspectos singulares, únicos e de muitos significados em um corpo feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se neste trabalho, que as mudanças dos ideais de beleza feminino ao longo dos anos reforçam a necessidade de constante estudo sobre o tema e o pensamento crítico acerca dessas experiências alimentadas pela cultura e sociedade. A cada dia surge um novo ideal beleza, de modo que as tentativas em corresponder a essas idealizações estão fadadas a impossibilidade. Portanto, faz-se necessário, a manutenção de novas formas de pensamentos, sobretudo que considerem as particularidades de cada corpo, de cada desejo fortalecendo o valor único e irrefutável do que é próprio de cada um. Além disso, através da propagação do conhecimento científico em sua contribuição para a transformação social e o desenvolvimento das relações humanas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fabio Lopes; BARROS, Eduardo Portanova; SCHROEDER, Tânia Maria Rechia. **Discursos e representações sobre o corpo feminino e beleza no contexto da pós-modernidade**. OPSIS, Catalão, v. 13, n. 2, jul./dez. 2013.
- BARROS, José D'Assunção. **O amor cortês – suas origens e significados**. Raído, Dourados, v. 5, n. 9, p. 195-216, jan./jun. 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BLOC BORIS, Georges Daniel Janja; CESÍDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 12, n. 2, p. 451-578, set. 2007.
- DOLTO, Françoise. **A imagem do corpo inconsciente do corpo**. 3ª edição. Editora Perspectiva. São Paulo, 2019.
- DUARTE, Rodrigo. **O Belo Autônomo: textos clássicos de estética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- ECO, Umberto. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- FERNANDES, Maria Helena. **Corpo**. 1ª edição. Editora: Casapsi livraria. São Paulo, 2003.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

O CORPO, O FEMININO E A PSICANÁLISE
Alessandra Barcelos Menezes, Moisés de Andrade Júnior

ISAPS INTERNATIONAL. ISAPS **International survey on aesthetic/cosmetic procedures performed in 2020**. Disponível em: < https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2022/01/ISAPS-Global-Survey_2020.pdf>. Acesso em 9 de julho de 2022.

LACAN, JACQUES. **Os escritos técnicos de Freud**. Décima quinta edição. Rio de Janeiro, Cinelândia. Editora Zahar, 2009.

LE BETRON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SHAKESPEARE, William. **Grandes obras de Shakespeare: volume 1: tragédias**. Tradução: Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

TURCHEMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Editora Vega, 2012.